

CONCÍLIO VATICANO II - DEI VERBUM, SOBRE A REVELAÇÃO DIVINA

A santa Igreja, expressando os votos de 2.344 (contra apenas seis) de seus mais eminentes filhos, reunidos no Concílio Vaticano II, na Sessão Pública do dia 18 de novembro de 1965, promulgou o seguinte documento, que reproduzimos na íntegra:

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM SOBRE A REVELAÇÃO DIVINA Paulo Bispo, Servo dos Servos de Deus, juntamente com os Padres do Sagrado Concílio, para perpétua memória do acontecimento: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina.

INTRODUÇÃO

1 A Palavra de Deus é religiosament auscultade com coragem proclamada pelo Concílio, que faz suas as palavras de São João: Nós vos anunciamos a vida eterna, que estava no Pai e se nos manifestou: nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos - para que vós também estejais em comunhão conosco e a nossa comunhão seja com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo (I Jo 1, 2-3). Por isto, seguindo as pegadas dos Concílios Tridentino e Vaticano I, este Santo Concílio se propõe expor a genuína doutrina acerca da Revelação Divina e de sua transmissão a fim de que, pelo anúncio da salvação, o mundo inteiro ouvindo creia, crendo espere, esperando ame.1

I. A REVELAÇÃO COMO TAL

Natureza e objeto da Revelação 2 Aproveu a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se e tomar conhecido o mistério de sua vontade (cf. Ef 1, 9), pelo qual os homens têm, no Espírito Santo, acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina por Cristo, Verbo feito carne (cf. Ef 2, 18; II Pe 1, 4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. Col 1, 15; I Tim 1, 17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Êx 33, 11; Jo 15, 14-15), entretém-se com eles (cf. Bar 3, 38) para convidá-los à participação de sua intimidade. Esta economia da Revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos. Assim, as obras realizadas por Deus na História da Salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. Estas, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido. No entanto, o conteúdo profundo da verdade comunicada por esta revelação a respeito de Deus e da salvação do homem se nos manifesta em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação.2 Preparação da Revelação Evangélica 3 Criando pelo Verbo o universo (cf. Jo 1, 3) e conservando-o, Deus proporciona aos homens, nas coisas criadas, um permanente testemunho de si mesmo (cf Rom 1, 19-20). Além disso, no intuito de abrir o caminho de uma salvação superior, manifestou-se a si mesmo desde os primórdios a nossos primeiros pais. E após a queda destes, havendo prometido a redenção, alentou-os a esperar uma salvação (cf. Gên 3, 15) e velou permanentemente pelo gênero humano, a fim de dar a vida eterna a todos aqueles que, pela perseverança na prática do bem, procuram a salvação (cf. Rom 2, 6-7). A seu tempo, Deus chamou a Abraão, a fim de fazer dele um grande povo (cf. Gên 12, 2-3), ao qual, após os Patriarcas, foi educando por meio de Moisés e dos Profetas a reconhecê-lo como único Deus vivo e verdadeiro, Pai providente e justo juiz, e a esperar o Salvador prometido. E assim foi Deus preparando, ao longo dos séculos, o caminho para o Evangelho. Cristo completa a Revelação 4 Depois de ter falado em muitas ocasiões e de diversos modos pelos Profetas, ultimamente, nesta etapa final, Deus nos falou por seu Filho (Heb 1, 1-2). Com efeito, ele enviou seu Filho, o Verbo eterno que ilumina todos os homens, para que habitasse entre eles e lhes expusesse os arcanos de Deus (cf. Jo 1, 1-18). Jesus Cristo, portanto, Verbo feito carne, enviado como homem aos homens,3 fala a linguagem de Deus (Jo 3, 34) e consoma a obra salvífica que o Pai lhe confiou (cf Jo 5, 36; 17, 4). Eis por que ele, ao qual quem vê vê também o Pai (cf Jo 14, 9), pela plena presença e manifestação de si mesmo por palavras e obras, sinais e milagres, e especialmente por sua morte e gloriosa ressurreição dentre os mortos e, enfim, pelo Espírito de verdade enviado, realiza e completa a revelação e a confirma, atestando de maneira divina que Deus está conosco para libertar-nos das trevas da morte e do pecado e para ressuscitar-nos para a vida eterna. A economia cristã, pois, em sua qualidade de aliança nova e definitiva, jamais passará, e não há que esperar nenhuma nova revelação pública antes da gloriosa manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. I Tim 6, 14; Tt 2, 13). A Revelação deve ser recebida na fé 5 Ao Deus que revela deve-se a obediência da fé (Rom 16, 26; cf. Rom 1, 5; II Cor 10, 5-6), pela qual o homem livremente se entrega todo a Deus, prestando ao Deus revelador um obséquio pleno do intelecto e da vontade4 e dando voluntário assentimento à verdade por ele revelada. Para que se preste essa fé, exigem-se a graça prévia e adjuvante de Deus e os auxílios internos do Espírito Santo, que move o coração e converte-o a Deus, abre os olhos da mente e dá a todos suavidade no consentir e crer na verdade.5 A fim de tornar sempre mais

profunda a compreensão da Revelação, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa continuamente a fé por meio de seus dons. As verdades reveladas 6 Pela revelação divina quis Deus manifestar-se e comunicar-se a si mesmo e os decretos eternos de sua vontade acerca da salvação dos homens, a saber, para fazer participar os bens divinos, que superam inteiramente a capacidade da mente humana.6 Este sacrossanto Concílio professa que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana a partir das coisas criadas (cf Rom 1, 20); mas ensina que se deve atribuir à sua revelação o fato de mesmo na presente situação do gênero humano se poderem conhecer por todos e de modo acessível e com sólida certeza e sem mistura de nenhum erro aquelas coisas que em matéria divina não são de per si inacessíveis à razão humana.7

II. DIVINA REVELAÇÃO TRANSMISSÃO DA

Os Apóstolos e seus sucessores, pregadores do Evangelho 7 Em sua extrema benignidade, Deus tomou providências a fim de que aquilo que ele revelara para a salvação de todos os povos se conservasse inalterado para sempre e fosse transmitido a todas as gerações. Por isto o Cristo Senhor, em quem se completa toda a revelação do Sumo Deus (cf. II Cor 1, 20; 3, 16-4, 6), ordenou aos Apóstolos que o Evangelho, prometido antes pelos Profetas, completado por ele e por sua própria boca promulgado, fosse por eles pregado a todos os homens como fonte de toda verdade salvífica e de toda disciplina de costumes, comunicando-lhes dons divinos.8 E isto foi fielmente executado tanto pelos Apóstolos, que na pregação oral, por exemplos e instituições, transmitiram aquelas coisas que receberam das palavras, da convivência e das obras de Cristo ou que aprenderam das sugestões do Espírito Santo, como também por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob inspiração do mesmo Espírito Santo, puseram por escrito a mensagem da salvação.9 Mas para que o Evangelho sempre se conservasse inalterado e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram como sucessores os Bispos, a eles transmitindo o seu próprio encargo de Magistério.10 Portanto, esta Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura de ambos os Testamentos são como o espelho em que a Igreja peregrinante na terra contempla a Deus, de quem tudo recebe, até que chegue a vê-lo face a face como é (I Jo 3, 2).

CONCÍLIO VATICANO II - DEI VERBUM, SOBRE A REVELAÇÃO DIVINA

A Sagrada Tradição 8 Assim, a pregação apostólica, expressa de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se sem interrupção até a consumação dos tempos. Por isto os Apóstolos, transmitindo aquilo que eles próprios receberam (cf. I Cor 11, 23; 15, 3), exortam os fiéis a manter as tradições que aprenderam seja oralmente, seja por carta (cf. II Tes 2, 15) e a combater pela fé uma vez transmitida aos santos (cf. Jdr 3).11 Quanto à Tradição recebida dos Apóstolos ela compreende todas aquelas coisas que contribuem para santamente conduzir a vida e fazer crescer a fé do Povo de Deus, e assim a Igreja, em sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que crê. Esta Tradição, oriunda dos Apóstolos, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo.12 Cresce, com efeito, a compreensão tanto das realidades como das palavras transmitidas, seja pela contemplação e estudo dos que crêem, os quais as meditam em seu coração (cf. Lc 2, 19.5 1), seja pela íntima compreensão que desfrutam das coisas espirituais, seja pela pregação daqueles que com a sucessão do episcopado receberam o carisma autêntico da verdade. É que a Igreja, no decorrer dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que se cumpram nelas as palavras de Deus. O ensinamento dos Santos Padres testemunha a presença vivificante dessa Tradição, cujas riquezas se transfundem na praxe e na vida da Igreja que crê e ora. Pela mesma Tradição toma-se conhecido à Igreja o Cânon completo dos Livros Sagrados e as próprias Sagradas Escrituras são nela cada vez melhor compreendidas e se fazem sem cessar atuantes. E assim o Deus, que outrora falou, mantém um permanente diálogo com a esposa de seu dileto Filho, e o Espírito Santo, pelo qual a voz viva do Evangelho ressoa na Igreja e através da Igreja no mundo, leva os fiéis à verdade toda e faz habitar neles abundantemente a palavra de Cristo (cf. Col 3, 16). Relação entre a Tradição e a Sagrada Escritura 9 A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura estão, portanto, estreitamente conexas e interpenetradas. Ambas promanam da mesma fonte divina, formam de certo modo um só todo e tendem para o mesmo fim. Com efeito, a Sagrada Escritura é a fala de Deus enquanto é redigida sob a moção do Espírito Santo; a Sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos para que, sob a luz do Espírito de verdade, eles em sua pregação fielmente a conservem, exponham e difundam. Resulta, assim, que não é através da Escritura apenas que a Igreja consegue sua certeza a respeito de tudo que foi revelado. Por isso, ambas - Escritura e Tradição - devem ser recebidas e veneradas com igual sentimento de piedade e reverência.13 Relação da Tradição e da Bíblia com a Igreja e o Magistério 10 A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura

constituem um só sagrado depósito da palavra de Deus confiado à Igreja. Em se lhe apegando firmemente, o povo santo todo, unido a seus Pastores, persevera continuamente na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações (cf. 1, 42), de sorte que se verifica, da parte de Antístites e de fiéis, uma singular convergência no conservar, praticar e professar a fé transmitida.¹⁴ O ofício de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida¹⁵ foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja,¹⁶ cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo. Tal Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a seu serviço, não ensinando senão o que foi transmitido, no sentido de que, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo religiosamente ausculta aquelas palavras, santamente a guarda e fielmente a expõe. E deste único depósito da fé o Magistério tira tudo aquilo que nos propõe como verdade de fé divinamente revelada. Fica, portanto, claro que segundo o sapientíssimo plano divino a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja estão de tal maneira entrelaçados e unidos que um perde sua consistência sem os outros e que, juntos, cada qual a seu modo, sob a ação do Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas.

III. INSPIRAÇÃO DIVINA DA BÍBLIA E SUA INTERPRETAÇÃO

Inspiração e verdade na Sagrada Escritura ¹¹ As coisas divinamente reveladas, que se encerram por escrito na Sagrada Escritura e nesta se nos oferecem, foram consignadas sob influxo do Espírito Santo. Pois a Santa Mãe Igreja, segundo a fé apostólica, tem como sagrados e canônicos os livros completos tanto do Antigo como do Novo Testamento, com todas as suas partes, porque, escritos sob a inspiração do Espírito Santo (cf. Jo 20, 31; II Tim 3, 16; II Pe 1, 19-21; 3, 15-16), eles têm em Deus o seu autor e nesta sua qualidade foram confiados a mesma Igreja. ¹⁷ Na redação dos livros sagrados Deus escolheu homens, utilizou-se deles sem tirar-lhes o uso das próprias capacidades e faculdades,¹⁸ a fim de que, agindo ele próprio neles e por eles,¹⁹ consignassem por escrito, como verdadeiros autores, aquilo tudo e só aquilo que ele próprio quisesse.²⁰ Portanto, já que tudo o que os autores inspirados ou os hagiógrafos afirmam deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, segue-se que devemos confessar que os livros da Escritura ensinam inconcussamente, fielmente e sem erro a verdade que Deus para nossa salvação quis fosse consignada por escrito.²¹ Por isso, toda a Escritura é inspirada por Deus, e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça. Por ela, o homem de Deus se torna perfeito, capacitado para toda boa obra (II Tim 3, 16-17). Como interpretar a Sagrada Escritura ¹² Entretanto, já que Deus na Sagrada Escritura falou através de homens e de modo humano,²² deve o intérprete da Sagrada Escritura, para bem entender o que Deus nos quis transmitir, investigar atentamente o que foi que os hagiógrafos de fato quiseram dar a entender e por suas palavras aprouve a Deus manifestar. Para descobrir a intenção dos hagiógrafos, deve-se levar em conta, entre outras coisas, também os gêneros literários. Pois a verdade é apresentada e expressa de maneiras bem diferentes nos textos de um modo ou outro históricos, ou proféticos, ou poéticos, bem como em outras modalidades de expressão. Ora, é preciso que o intérprete pesquise o sentido que, em determinadas circunstâncias, o hagiógrafo, conforme a situação de seu tempo e de sua cultura, quis exprimir e exprimiu por meio de gêneros literários então em uso.²³ Pois, para corretamente entender aquilo que o autor sacro haja intencionado afirmar por escrito, é necessário levar devidamente em conta tanto as nossas maneiras comuns e espontâneas de pensar, falar e contar, as quais já eram correntes no tempo do hagiógrafo, como as que costumavam empregar-se no intercâmbio humano daquelas eras.²⁴ Mas como a Sagrada Escritura deve ser também lida e interpretada naquele mesmo Espírito em que foi escrita,²⁵ para bem captar o sentido dos textos sagrados, deve-se atender com não menor diligência ao conteúdo e à unidade de toda a Escritura, levada em conta a Tradição viva da Igreja toda e a analogia da fé. Cabe aos exegetas trabalhar esforçadamente dentro destas diretrizes para mais aprofundadamente entender e expor o sentido da Sagrada Escritura, a fim de que, por seu trabalho de certo modo preparatório amadureça o julgamento da Igreja. Pois tudo o que concerne à maneira de interpretar a Escritura está sujeito em última instância ao juízo da Igreja, que exerce o mandato e ministério divino de guardar e interpretar a palavra de Deus.²⁶ Condescendência de Deus ¹³ Na Sagrada Escritura, portanto, manifesta-se, resguardada sempre a verdade e santidade de Deus, a admirável condescendência da eterna Sabedoria, a fim de que conheçamos a inefável benignidade de Deus, e de quanta acomodação de linguagem usou, providente e cuidadoso que é de nossa natureza.²⁷ Pois as palavras de Deus expressas por línguas humanas se fizeram semelhantes à linguagem humana, tal como outrora o Verbo do Pai Eterno, havendo assumido a carne da fraqueza humana, se fez semelhante aos homens.

CONCILIO VATICANO II - DEI VERBUM, SOBRE A REVELAÇÃO DIVINA IV. O ANTIGO TESTAMENTO

A história da Salvação nos livros do Antigo Testamento 14 O amantíssimo Deus, querendo e preparando solícitamente a salvação de todo o gênero humano, por singular disposição escolheu para si um povo ao qual confiaria as promessas. Contraída a aliança com Abraão (cf. Gên 15, 18) e através de Moisés com o povo de Israel (cf. Êx 24, 8), Deus se revelou por palavras e ações como o único Deus verdadeiro e vivo. Israel fez assim a experiência dos caminhos de Deus para com os homens e, falando o próprio Deus pela boca dos Profetas, cada vez mais profunda e claramente os compreendeu e deles deu testemunho diante dos povos (cf. Sal 21, 28-29; 95, 1-3; Is 2, 1-4 ; Jer 3, 17). Mas a economia da salvação, prenunciada, narrada e explicada pelos autores sagrados, subsiste como verdadeira palavra de Deus nos livros do Antigo Testamento. Eis por que esses livros divinamente inspirados conservam um valor perene: Tudo quanto outrora foi escrito, foi escrito para a nossa instrução, a fim de que, pela perseverança e pela consolação que dão as Escrituras, tenhamos esperança (Rom 15, 4). Importância do Antigo Testamento para os cristãos 15 A economia do Antigo Testamento estava ordenada principalmente para preparar a vinda de Cristo, redentor de todos, e de seu Reino Messiânico, para anunciá-la profeticamente (cf. Lc 24, 44; Jo 5, 39; I Pe 1, 10) e dá-la a conhecer através de várias figuras (cf. I Cor 10, 11). Os livros do Antigo Testamento, em conformidade com a condição do gênero humano dos tempos anteriores à salvação realizada por Cristo, manifestam a todos o conhecimento de Deus e do homem e os modos pelos quais o justo e misterioso Deus trata com os homens. Estes livros, embora contenham também algumas coisas imperfeitas e transitórias manifestam, contudo, a verdadeira pedagogia divina.²⁸ Por isto, devem ser devotamente recebidos pelos cristãos esses livros que exprimem um sentido vivo de Deus e contêm sublimes ensinamentos acerca de Deus e uma salutar sabedoria concernente à vida do homem e admiráveis tesouros de preces, nos quais enfim está latente o mistério de nossa salvação. Unidade dos dois testamentos 16 Deus, pois, inspirador e autor dos livros de ambos os Testamentos, de tal modo dispôs sabiamente, que o Novo estivesse latente no Antigo e o Antigo no Novo se aclarasse. 29 Com efeito, embora Cristo tenha estabelecido uma Nova Aliança em seu sangue (cf. Lc 22, 20; I Cor 11, 25), contudo, os livros todos do Antigo Testamento, recebidos na pregação evangélica,³⁰ obtêm e manifestam seu sentido completo no Novo Testamento (cf. Mt 5, 17; Lc 24, 27; Rom 16, 25-26; II Cor 3, 14-16), e por sua vez o iluminam e explicam.

V. O NOVO TESTAMENTO

Excelência do Novo Testamento 17 A Palavra de Deus, que é a força de Deus para a salvação de todo o que crê (cf. Rom 1, 16), é apresentada e manifesta seu vigor de modo eminente nos escritos do Novo Testamento. Com efeito, quando chegou o tempo estabelecido (cf. Gal 4, 4), o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade (Jo 1, 14). Cristo instaurou na terra o Reino de Deus, por fatos e por palavras deu a conhecer o Pai e a si próprio, e completou sua obra com a morte, ressurreição e gloriosa ascensão e com o envio do Espírito Santo. Levantado da terra atrai todos a si (cf. Jo 12, 32). Ele é o único que tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6, 68). Este mistério, porém, não foi manifestado a outras gerações como foi revelado agora aos seus santos Apóstolos e Profetas no Espírito Santo (cf. Ef 3, 46) para que pregassem o Evangelho, suscitassem à fé em Jesus Cristo e Senhor e congregassem a Igreja. Os escritos do Novo Testamento são testemunho perene e divino destas coisas. Origem apostólica dos Evangelhos 18 Ninguém desconhece que entre todas as Escrituras, mesmo as do Novo Testamento, os Evangelhos gozam de merecida primazia, uma vez que constituem testemunho por excelência da vida e da doutrina do Verbo Encarnado, nosso Salvador. Que os quatro Evangelhos têm origem apostólica, a Igreja sempre e em toda parte o ensinou e ensina. Pois, aquilo que os Apóstolos pregaram por ordem de Cristo, eles próprios e os varões apostólicos sob a inspiração do Espírito Santo no-lo transmitiram em escritos que são o fundamento da fé, a saber, o quadriforme Evangelho - segundo Mateus, Marcos, Lucas e João.³¹ Índole histórica dos Evangelhos 19 A Santa Mãe Igreja firme e constantemente creu e crê que os quatro mencionados Evangelhos, cuja historicidade afirma sem hesitação, transmitem fielmente aquilo que Jesus, Filho de Deus, ao viver entre os homens, realmente fez e ensinou para salvação deles, até o dia em que foi elevado (cf. At 1, 1-2). Os Apóstolos, após a ascensão do Senhor, transmitiram aos ouvintes aquilo que ele dissera e fizera, com aquela mais plena compreensão de que gozavam, instruídos que foram pelos gloriosos acontecimentos concernentes a Cristo³² e esclarecidos pela luz do Espírito da verdade.³³ Os autores sagrados escreveram os quatro Evangelhos, escolhendo certas coisas das muitas transmitidas ou oralmente ou já por escrito, fazendo síntese de outras ou explanando-as com vistas à situação das igrejas, conservando enfim a forma de proclamação, sempre de maneira a transmitir-nos verdades autênticas a respeito de Jesus.³⁴ Pois foi esta a intenção com que escreveram, seja com

fundamento na própria memória e recordações, seja baseado no testemunho daqueles que foram desde o princípio testemunhas oculares e que se tornaram ministros da Palavra, para que conheçamos a solidez daqueles ensinamentos que temos recebido (Lc 1, 2-4). Os demais escritos do Novo Testamento 20 O cânon do Novo Testamento contém, além dos quatro Evangelhos, também as cartas de São Paulo e outros escritos apostólicos exarados sob inspiração do Espírito Santo. É através deles que, por um sábio desígnio de Deus, é confirmado o testemunho de Cristo Senhor, é mais e mais elucidada a sua genuína doutrina, anuncia-se o poder salvífico da obra divina de Cristo, narram-se os inícios e a admirável difusão da Igreja e se prenuncia a sua gloriosa consumação. Pois o Senhor Jesus, conforme prometera, assistiu seus Apóstolos (cf. Mt 28, 20) e lhes enviou o Espírito Paráclito que deveria conduzi-los à plenitude da verdade (cf. Jo 16, 13).

VI. A SAGRADA ESCRITURA NA VIDA DA IGREJA

A Igreja venera as Sagradas Escrituras 21 A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como sempre venerou ao próprio corpo do Senhor, já que sem cessar toma da mesa da palavra de Deus e do Corpo de Cristo o pão da vida e o serve aos filhos. Sempre as teve e tem, juntamente com a Tradição, como suprema regra de sua fé, porque, inspiradas por Deus e consignadas por escrito uma vez para sempre, comunicam imutavelmente a palavra do próprio Deus e fazem ressoar através das palavras dos Profetas e Apóstolos a voz do Espírito Santo. É necessário, portanto, que toda pregação eclesial, como a própria religião cristã, seja alimentada e orientada pela Sagrada Escritura. Nos Livros Santos, com efeito, o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro de seus filhos e com eles fala. E é tão grande a força poderosa que se encerra na palavra de Deus, que ela constitui sustentáculo vigoroso para a Igreja, firmeza na fé para seus filhos, alimento da alma, perene e pura fonte da vida espiritual. Por tudo isto, aplicam-se perfeitamente à Sagrada Escritura estas palavras: A palavra de Deus é viva e eficaz (Heb 4, 12), poderosa para edificar e repartir a herança entre os santificados (Ar 20, 32; cf. I Tes 2, 13). Traduções corretas e adequadas 22 É preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos fiéis. Por isso, desde o início a Igreja acolheu como sua e conhecida antiquíssima versão do Antigo Testamento, chamada dos Setenta; e tem sempre em honrosa consideração as outras versões orientais e as versões latinas, principalmente a chamada Vulgata. Porém, como a palavra de Deus deve estar à disposição de todas as épocas, pede a Igreja com materna solicitude se façam versões corretas e adequadas para as diversas línguas, sobretudo a partir dos textos originais dos livros sagrados. Se se julgar oportuno, as traduções poderiam contar com a colaboração dos irmãos separados e, prévia anuência da autoridade eclesial, poderiam ser utilizadas por todos os cristãos. Empenho dos estudiosos e especialistas 23 A Esposa do Verbo Encarnado, a Igreja, instruída pelo Espírito Santo, se esforça para conseguir cada dia uma compreensão mais profunda da Sagrada Escritura, a fim de incessantemente nutrir seus filhos com os ensinamentos divinos. Por esta razão, fomenta devidamente o estudo dos Santos Padres do Oriente e do Ocidente e das Sagradas Liturgias. É preciso que os exegetas católicos e todos aqueles que se dedicam à Sagrada Teologia, unindo corajosamente suas forças, procurem, com meios aptos, investigar e apresentar, sob a vigilância do Magistério, as divinas Letras, de maneira que o maior número possível de ministros da divina Palavra possa frutuosa e abundantemente fornecer ao Povo de Deus o alimento das Escrituras que ilumine a mente, fortaleça as vontades e inflame os corações dos homens para o amor de Deus.³⁵ Este concílio encoraja os filhos da Igreja que se dedicam aos assuntos bíblicos a que com todo o esforço prossigam de acordo com o sentir da Igreja, na execução do trabalho felizmente empreendido, com cotidiana renovação de forças.³⁶ Importância da Sagrada Escritura para a Teologia 24 A Sagrada Teologia tem por base, como seu perene fundamento, a palavra escrita de Deus junto com a Sagrada Tradição, e neste fundamento ela se fortalece firmíssimamente e sempre se remoça perscrutando à luz da fé toda a verdade encerrada no mistério de Cristo. Ora, as Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus e, porque inspiradas, são verdadeiramente palavra de Deus. Por isto, o estudo das Sagradas Páginas seja como que a alma da Sagrada Teologia.³⁷ Nesta mesma palavra da Sagrada Escritura também se nutre salutarmente e santamente floresce o ministério da palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda a instrução cristã, na qual deve ter lugar de destaque a homilia litúrgica. Recomenda-se a leitura da Sagrada Escritura 25 Eis por que é necessário que todos os clérigos, sobretudo os sacerdotes de Cristo e os outros que, como diáconos ou catequistas, legitimamente se consagram ao ministério da palavra, se apeguem às Escrituras Sagradas, mediante assídua leitura e cuidadoso estudo das mesmas, para que não venha a ser vão pregador da palavra de Deus externamente, quem a ela não presta ouvido interiormente,³⁸ quando, especialmente na Sagrada Liturgia, tem que comunicar aos fiéis a si confiados as vastíssimas riquezas da palavra divina. O Concílio exorta igualmente, com ardor e insistência, a todos os fiéis cristãos, especialmente aos religiosos, a que, pela

frequente leitura das divinas Escrituras, alcancem esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo (Flp 3, 8). Porquanto ignorar as Escrituras é ignorar Cristo.³⁹ De bom grado, pois, vão ao próprio texto sagrado, quer pela Sagrada Liturgia, repleta da divina palavra, quer pela piedosa leitura, quer por cursos apropriados e outros meios que, com a aprovação e empenho dos Pastores da Igreja, hoje em dia louvavelmente se difundem por toda parte. Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada pela oração, a fim de que se estabeleça um colóquio entre Deus e o homem. Pois "com ele falamos quando rezamos, a ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos. ⁴⁰ Cabe aos sagrados Pastores, depositários da doutrina apostólicas,⁴¹ educar oportunamente os fiéis que lhes foram confiados para o correto uso dos livros divinos, sobretudo do Novo Testamento e dos Evangelhos, por meio de versões dos textos sagrados acompanhadas das explicações necessárias e realmente suficientes, a fim de que os filhos da Igreja, segura e utilmente, se familiarizem com as Escrituras Sagradas e de seu espírito fiquem imbuídos. Além disso, façam-se edições da Sagrada Escritura munidas de apropriadas anotações, para uso também dos não-cristãos e adaptadas à situação deles. E, tanto os Pastores de almas como os cristãos de qualquer condição, inteligentemente procurem difundir-las de todos os modos.

Conclusão

26 Assim, pois, com a leitura e o estudo dos Livros Sagrados, se propague e seja estimada a palavra do Senhor (II Tes 3, I), e o tesouro da Revelação confiado à Igreja cada vez mais tome conta dos corações dos homens. Assim como a vida da Igreja se desenvolve pela assídua participação no mistério eucarístico, assim é lícito esperar um novo impulso de vida espiritual de uma acrescida veneração pela palavra de Deus, que permanece eternamente (Is 40, 8; cf. I Pe 1, 23-25). Todo o conjunto e cada um dos pontos que foram enunciados nesta Constituição Dogmática pareceram bem aos Padres Conciliares. E nós, em virtude do Poder Apostólico a nós confiado por Cristo, juntamente com os Veneráveis Padres, no Espírito Santo os aprovamos, decretamos e estatuímos. E o que foi determinado em Concílio mandamos seja promulgado para a Glória de Deus. Roma, junto de São Pedro, no dia 18 de novembro de 1965. Eu, Paulo, Bispo da Igreja Católica. Seguem-se as assinaturas dos Padres Conciliares...

1Cf S. Agostinho: De Catech. rudibus, IV, 8. 2Cf. Mt 11, 27; Jo 1, 14.17; 14, 6; 17, 1-3; II Cor 3, 16; 4, 6; Ef 1, 3-14. 3Carta a Diogneto, VII, 4. 4Conc. Vat. I: Const. dogm. de fide cath., III, sobre a fé. 5Conc. de Orange II: Cânon 7 - Conc. Vat. I: 1 cit. 6Conc. Vat. I: Const. dogm. de fide cath., cap. II, sobre a revelação. 7Ibidem. 8Cf. Mt 28, 19-20; Mc 16, 15 - Conc. Trid.: IV, sobre os livros canônicos. 9Conc. Trid.: 1, cit. - Conc. Vat. I: III, 2, sobre a revelação. 10S. Ireneu, Adv. Haer., III, 3, 1. 11Conc. Niceno II - Conc. Constant. IV: X, 1. 12Cf. Conc. Vat. I: Const. dogm. de fide cath., IV, sobre a fé e a razão. 13Cf. Conc. Trid.: 1, cit. 14Cf. Pio XII: Const. Munificentissimus Deus, lembrando as palavras de S. Cipriano: A Igreja, povo reunido a seu Sacerdote, grei unida a seu Pastor (Epist. 66, 8). 15Cf. Conc. Vat. I: Const. dogm. de fide cath., III, sobre a fé. 16Cf. Pio XII: Enc. Humani Generis. 17Cf. Conc. Vat. I: Const. dogm. de fide cath., II, sobre a revelação - Pontifícia Comissão Bíblica, decr. 18-7-1915 - Santo Ofício, Carta 22-12-1923. 18Cf. Pio XII: Enc. Divino Afflante Spiritu. 19Em e pelo homem: cf. Hb 1, 1 e 4,7 (em): II Sm 23, 2; Mt 1, 22 e numerosos outros lugares (por) - Conc. Vat. I: Esquema sobre a doutrina católica, nota 9. 20Leão XIII: Enc. Providentissimus Deus. 21Cf. S. Agostinho: Gen. ad litt. 2, 9, 20; Epist. 82, 3 - S. Tomás: De Ver. q. 12, a. 2, C - Conc. Trid.: IV, sobre os livros canônicos - Leão XIII: Enc. Providentissimus - Pio XII: Enc. Divino afflante Spiritu. 22S. Agostinho: e Civ. Dei, XVII, 6.2.23S. Agostinho: De Doctr. Christ., III, 18, 26. 24Pio XII: I. cit. 25Cf. Bento XV: Enc. Spiritus Paraclitus - S. Jerônimo: In Gal. 5,19-21. 26Cf. Conc. Vat. I: Const. dogm. de fide catholica, II, sobre a revelação. 27S. João Crisóstomo: In Gen. 3,8 (hom.17,1). [Acomodação (attemperatio) em grego se diz synkatábasis.] 28Pio XI: Enc. Mit Brennender Sorge. 29S. Agostinho: Quaest. in Hept. 2,73. 30S. Ireneu: Adv. Haer. III, 21,3 - S. Cirilo de Jerusalém: Catech. 4,35- Teodoro de Mops.: In Soph. 1, 4-6. 31Cf. S. Ireneu: Adv. Haer III, 11,8. 32Cf. Jo 14, 26; 16, 13 . 33Jo 2, 22; 12, 16 ; cf 14, 26; 16, 12-13; 7, 39. 34Cf. Conselho Pont. para os Estudos Bíblicos: Instrução Sancta Mater Ecclesia. 35Cf. Pio XII: Enc. Divino afflante Spiritu - Pont. Com. Bíblica: Instrução sobre o modo de ensinar a Sagrada Escritura nos Seminários. 36Cf. Pio XII: Ibidem. 37Cf. Leão XIII: Enc. Providentissimus - Bento XV: Enc. Spiritus Paraclitus. 38S. Agostinho: Serm., 179, 1. 39S. Jerônimo: Comm. in Is., Prol. - Cf. Bento XV: Enc. Spiritus Paraclitus - Pio XII: Enc. Divino afflante Spiritu. 40S. Ambrósio: De officiis ministrorum 1, 20, 88. 41S. Ireneu, Adv. Haer, IV, 32, 1.